

O CURRÍCULO MIDIÁTICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE BIOLOGIA

CHAVES NOGUEIRA, S. (1)

Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento da Educação Matemática e Científica. Universidade Federal do Pará schaves@ufpa.br

Resumen

Nesta pesquisa estou mobilizada em compreender com narrativas fílmicas atuam como “tecnologias do eu” modulando formas de “experiências de si” nos espectadores que as assistem. Movida por tal interesse investi no estudo de duas questões: Como as mídias, os discursos imagéticos operam como “tecnologias, pedagogias do eu”? E, como podem se constituir dispositivo pedagógico de desnaturalização das “experiências de si” no âmbito da formação de professores de Biologia? Apoiada em referenciais do campo dos estudos culturais da educação e em teorizações pós-críticas, analiso memoriais de formação produzidos por estudantes de Biologia a partir da projeção de filmes que discutem ciência e docência. A problematização dessas narrativas mostrou-se importante dispositivo no processo de ruptura com estereótipos sobre docência, possibilitando ressignificar a profissão.

Objetivos

Nesta investigação estou mobilizada em compreender como a mídia, particularmente as narrativas fílmicas - entendidas aqui como itinerários curriculares, como “máquinas óticas” que produzem visibilidade (ou invisibilidade) - atuam como “tecnologias do eu” modulando formas de “experiências de si” (LARROSA, 2002) nos espectadores que as assistem.

Movida por esse interesse inicial, tenho investido, particularmente no campo da pesquisa, na investigação de duas questões, que podem ser assim resumidas: Como as mídias, os discursos imagéticos operam como “tecnologias, pedagogias do eu”? E, paralelamente, como podem se constituir um dispositivo pedagógico de desnaturalização das “experiências de si” no âmbito da formação de professores de

Biologia?

Referencial Teórico

Um dos recursos pedagógicos que vem sendo ampliado e ressignificado em minha prática profissional nos últimos anos são as narrativas imagéticas, particularmente as fílmicas. Isso porque, passei a entender estes recursos como poderosos mecanismos na produção de leituras do “eu”, especialmente porque atuam em uma dimensão pouco problematizada da formação dos sujeitos, a dimensão estética. Tais recursos operam, como ativadores de “desejos inconscientes relativamente a pessoas ou a imagens, fazendo com que seja possível nos vermos (e identificarmos) na imagem ou na personagem apresentada na tela” (WOORDWARD, 2006: 18) ou, como propõe Larrosa (2002: 67), como “máquinas ópticas que produzem, ao mesmo tempo, o sujeito que vê e as coisas visíveis”

Partindo desse pressuposto passei a utilizar a projeção de filmes em contraposição a um suposto projeto de solidificação de identidades fixas, unificadas. Utilizo-a, inversamente, na desnaturalização de formas históricas e culturalmente instituídas de ver e de ser professor.

Assim, tenho projetado diferentes filmes, de diferentes nacionalidades para problematizar e deslocar as noções de escola, professor, ensino, conhecimento que os estudantes trazem de suas histórias de formação, vividas quer no âmbito escolar, quer fora dele. Isso porque entendo como Giroux (2005: 156), que

Os/as influente pedagogos/as do século XX não são apenas os/as extenuados/as professores/as do sistema escolar público, são também os/as agentes culturais hegemônicos que medeiam as culturas públicas da publicidade, das entrevistas de rádio, dos shopping centers e dos conjuntos de cinema.

O estudo desses agentes culturais tem nos ajudado a compreender a natureza fabricada da subjetividade, e convida a pensar que o que vemos e o que somos está histórica e culturalmente condicionado, é contingente.

Assumir a noção de contingência de nossas formas de ver e ser no mundo estimula a desconfiar das “lentes” que usamos, das certezas e verdades que sustentamos, possibilita exercitarmos a compreensão das condições de possibilidades históricas de algumas compulsões e atrações que nos movem.

A forma com que lido com a noção de contingência está intimamente associada à compreensão do papel da linguagem na produção das múltiplas formas de subjetivação. Aqui, a linguagem, o discurso é compreendido não como exterioridade, como mero artefato comunicativo, representativo de uma realidade imanente, mas como constitutivo e construtor de verdades e realidades, sendo, portanto, ele mesmo contingência e contingente (FOUCAULT, 2006). Nesse sentido é que as narrativas fílmicas foram exploradas ao longo das situações de formação docente, é nesse sentido que as manifestações dos sujeitos dessa pesquisa foram analisadas.

Metodologia

O caso analisado nesse texto consiste em pesquisa desenvolvida em situação de ensino realizada em uma turma de 25 estudantes, de 5º semestre do curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Pará.

Como itinerário metodológico na construção de respostas às questões de investigação me vali de discussões teóricas hoje postas no campo dos estudos culturais da educação e das teorizações pós-críticas de inspiração foucaultiana e lancei mão das práticas que desenvolvo no âmbito da formação de professores de Biologia.

Ao longo de um semestre letivo exibi para os estudantes da turma, os filmes: “Escritores da liberdade”, “A língua das mariposas”, “Ao mestre com carinho” e por fim “Clube do imperador”. A exibição desses filmes objetivou problematizar os lugares institucionalizados de professor, aluno, conhecimento, escola, cultura, valores e poder na sociedade, em diferentes momentos e contextos históricos e, simultaneamente, servir como mecanismo evocativo de memória para a produção de textos memorialísticos.

Ao final desse processo cada estudante produziu um memorial analítico relatando o modo como viveu e significou essa experiência de si. Esses memoriais constituem o material empírico que analiso nesse trabalho.

Resultados e Conclusões

A análise do material empírico possibilitou entender alguns processos por meio dos quais o discurso midiático provocou deslocamentos e permanências nas experiências de si dos estudantes envolvidos na pesquisa, dentre estes destaco dois processo, que nomeei; **Rejeitando identidades; Revendo a profissão**. Deles trago excertos para análise e discussão neste texto.

Rejeitando identidades

Depois de ver filmes como “A língua das mariposas” e “Escritores da liberdade” me pergunto se estaria preparada para agir como os professores que fazem parte destes filmes. Ambos se sacrificaram ao extremo, o primeiro perdeu a vida por ser fiel ao que acreditava em plena guerra civil espanhola, a segunda abdicou de tudo, inclusive do casamento, para recuperar alunos que teriam poucas chances de ser algo além do que a realidade de violência em que viviam. Vejo que nem sempre isso é possível, quero muito ser professora, ensinar, marcar a vida de meus futuros alunos, mas também quero ter uma família. (Lara).

O trânsito do foco da narrativa fílmica para uma narrativa de si fala da rejeição de uma identidade pré-fixada de bom professor. A saturação provocada pela repetição da imagem sacrificial de professor como alguém que *abdicou de tudo*, da família, do casamento e até da vida, em nome da profissão, é capturada pelos estudantes como algo indesejável, que implica em abrir mão de outras identidades sociais, a de mãe e esposa, por exemplo. A rejeição dessas formas-fórmulas de ser professor abre espaço para revisões no formato como o qual se desenham a docência e a profissão.

Revendo a profissão

Podemos ser comparados a pedreiros que constroem o alicerce da vida dos alunos, podemos ser padres aconselhadores, podemos ser enciclopédias que sabem uma gama de coisas. Enfim, professores realmente marcam o aluno desde que vivam o B-a-Ba da sala de aula. Mas vale ressaltar que não é preciso deixar tudo para ser um bom professor, pois optar pela licenciatura não é fazer voto de pobreza, ou ser condenado à cela solitária, na verdade é uma profissão, temos que viver dela e não para ela. (Alda)

Esse deslocamento permite situar a docência como profissão, destituindo-a da vocação missionária elidindo

a figura do professor como *padre aconselhador* condenado à solidão de uma *cela*, posições que historicamente sempre estiveram associadas à figura do professor demarcando e fixando seu papel social.

O conjunto desses resultados possibilita situar a problematização de narrativas fílmicas, como importante dispositivo pedagógico de desnaturalização de “experiências de si” no âmbito da formação de professores de Biologia, deslocando os sujeitos de representações, espécies de clichês, que nos tem histórica e culturalmente constituído e aprisionado como profissionais e, conseqüentemente, limitado os processos de transformação das práticas educativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michael (2006) *A ordem do discurso*. – Rio de Janeiro : Loyola.

GIROUX, Henry (2005) Memória e Pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz T. (Org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais da educação*. 6ed. – Petrópolis, RJ Editora Vozes.

KELLNER, Douglas (2005) Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz T. (Org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais da educação*. 6ed. – Petrópolis, RJ Editora Vozes.

LARROSA, Jorge (2002) Tecnologias do eu e educação In: SILVA, Tomaz T. (Org.) *Os sujeitos da Educação: estudos foucaultianos*. 5ed – Petrópolis, RJ : Vozes.

WOODWARD, Kathryn (2000) Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* – 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes.

CITACIÓN

CHAVES, S. (2009). Ocurrículo midiático na formação de professores de biologia. *Enseñanza de las Ciencias*, Número Extra VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, Barcelona, pp. 1361-1364
<http://ensciencias.uab.es/congreso09/numeroextra/art-1361-1364.pdf>